

AS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS NO BRASIL E NA CHINA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

AUTORES

JOSÉ GUILHERME FERRAZ DE CAMPOS

Universidade de São Paulo
jguilherme.feusp@gmail.com

AUGUSTO TAKERISSA NISHIMURA

Universidade de São Paulo
augustonishimura@terra.com.br

HEIDY R. RAMOS

Universidade de São Paulo
heidyr@gmail.com

RODRIGO LEANDRO CHEREZ

Universidade de São Paulo
rdgcherez@yahoo.com.br

VIVIAN BORGES SCALFI

Universidade de São Paulo
vyscalfi@hotmail.com

RESUMO

A importância do empreendedorismo no Brasil vem aumentando, conforme ocorre em países desenvolvidos onde os empreendedores representam uma parcela expressiva que impulsiona a economia. Dentre os BRICs, o Brasil segue atrás da China, país este que apresenta uma vigorosa expansão de sua economia, sendo o empreendedorismo um dos impulsionadores deste crescimento. As Pequenas e Médias Empresas estão sujeitas a grandes dificuldades, porém são importantes agentes para fomentar a concorrência, além de ser o embrião da grande empresa. A presente pesquisa caracteriza-se por ser um estudo qualitativo, de natureza exploratória, orientada à descoberta e não tem por objetivo testar hipóteses. A motivação foi a de entender e comparar as características das PMEs no Brasil em relação às PMEs na China. Para tanto, foi adotada as características que mais se aproximam com as características brasileiras. Quanto à análise dos dados, mais especificamente pontos fortes e fracos, utilizou-se o modelo S.W.O.T. Como resultados, verificou-se que o Brasil apresenta uma grande necessidade de políticas mais concretas e estáveis, principalmente devido à abertura econômica e ao crescimento do mercado internacional, o que, por um lado, ameaça a sobrevivência das PMEs, mas, por outro lado, proporciona oportunidades caso estejam preparadas para tanto.

Palavras-chave: PMEs, Brasil, China

ABSTRACT

The importance of entrepreneurship in Brazil has increased, as occurs in developed countries where the entrepreneurs represent a significant portion that drives the economy. Among the BRICs, Brazil follows after China, which presents a vigorous expansion of its economy and the entrepreneurship is one of the drivers of this growth. The Small and Medium Enterprises

are subject to great difficulties, but they are important players in fostering competition and is the embryo of the large enterprise. This research is characterized by being a qualitative study, exploratory in nature, focused on the discovery and is not intended to test hypotheses. The motivation was to understand and compare the characteristics of SMEs in Brazil in respect of SMEs in China. For both, was adopted the characteristics that come closer to the Brazilian characteristics. In the data analysis, more specifically strengths and weaknesses, the model used was the SWOT analysis. As a result, it was found that Brazil has a great need for more concrete and stable policies, mainly due to economic openness and growth of the international market, which on one hand, threatening the survival of SMEs, but, on the other hand, provides opportunities if they are prepared for both.

Key words: Small and Medium Enterprises, Brazil, China

1. INTRODUÇÃO

A importância e a atenção dispensada ao estudo do empreendedorismo no Brasil têm aumentado cada vez mais, seguindo o exemplo ocorrido em outros países desenvolvidos, como nos Estados Unidos, onde empreendedores representam uma parcela importante daqueles que impulsionam em grande parte a economia deste país (DORNELAS, 2005).

Para Filion (2008), o empreendedorismo é um campo de estudo que pode se subdividir em áreas que envolvem, dentre elas, as Pequenas e Médias Empresas (PMEs), a gestão das PMEs e a criação e início de operação de empresas. Na maioria dos países, pode-se notar que tem se tornado o centro de políticas públicas e, além disso, o empreendedorismo tem sido objeto de ações de entidades supranacionais, como a Comissão Européia, com propostas que visam à simplificação de abertura de novas empresas e maiores facilidades ao acesso de crédito (DORNELAS, 2005).

A necessidade de fomentar a atividade empreendedora e proporcionar um ambiente propício para o desenvolvimento dos empreendimentos vem da constatação de que em muitos países, grande parte dos novos negócios deixa de existir em poucos anos. Essa dificuldade de sobrevivência é constatada também no Brasil, sendo que a as chances de sobrevivência das empresas, para Filion (2008), aumenta na medida em que existe maior experiência dos negócios, sobretudo no conhecimento do assunto no qual se está lançando.

O autor salienta que ao se fazer o estudo acerca do empreendedorismo, permite a elaboração de sistemas de transferência do conhecimento, por meio de uma cadeia retroativa que envolve futuros empresários, especialistas em gestão e pesquisadores. Além disso, ressalta que os custos oriundos dessa ação seriam pouco elevados “se comparados àqueles que seriam cobrados se fossem usadas as estruturas extremamente burocratizadas que hoje operam”.

Segundo os dados da *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2007) constatou-se que cerca de treze em cada cem brasileiros adultos estão envolvidos com alguma atividade empreendedora. Dentre os países em desenvolvimento - Brasil, Rússia, Índia e China (BRICs), o Brasil está posicionado atrás da China. Note-se que este país vem apresentando uma vigorosa expansão de sua economia, fato que demonstra a importância do empreendedorismo como um dos fatores impulsionadores do seu desenvolvimento. No Brasil, como uma das formas de proporcionar o seu desenvolvimento, ações voltadas aos empreendimentos de menor tamanho têm sido realizadas, como pela criação da Lei Geral das Micro e Pequenas Empresas, que busca criar um ambiente propício para estas empresas.

Assim sendo, a atividade empreendedora com a concepção de novas empresas, além da criação de um ambiente propício para sua sobrevivência e desenvolvimento delas possui importância significativa para os países. Os estudos e as informações que se originam a partir de sua relevância econômica e social. Tomando como critério os dois países de maior atividade empreendedora dentre os BRICs, Brasil e China, este estudo tem como objetivo analisar o contexto em que estão inseridas as PMEs nesses países. Como objetivo específico, foi feita uma comparação entre ambos os países, para identificar os principais pontos fortes e fracos das PMEs do Brasil em relação aos da China.

O estudo se justifica pelo fato de ambos pertencerem ao grupo de países em desenvolvimento no mundo (BRICs), que apresentam grande dimensão territorial e populacional, e por se destacarem quanto à participação dos empreendimentos de menores dimensões em suas economias. Ademais, a China é o país que tem apresentado um vultoso crescimento econômico, justificando uma maior atenção ao seu estudo e comparação com o Brasil.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Empreendedorismo

Referindo-se à emergência atual do empreendedorismo, Dornelas (2005, p.22) afirma que não se trata de modismo, mas sim, uma resposta natural à rapidez das mudanças tecnológicas e que o momento atual pode ser chamado de a “Era do Empreendedorismo”. Assim, em sua visão, o contexto atual é propício ao surgimento de um número cada vez maior de empreendedores.

Nos países desenvolvidos, os empreendedores são os grandes propulsores da economia. Na grande maioria dos países, o empreendedorismo tem sido o centro das políticas públicas. Essa importância, conforme atesta Bortoli Neto (1980, p. 6), decorre da constatação do importante papel que essas empresas exercem no plano econômico e social e das dificuldades específicas em relação à competitividade a que elas estão sujeitas por serem de menor porte; a despeito de seu tamanho, porém, elas são importantes agentes para fomentar a concorrência e assim contribuir para a criação de condições para a livre concorrência.

Além disso, as PMEs representam o embrião para o surgimento da grande empresa, apresentam um elevado espírito de iniciativa, possuem grande capacidade de adaptação a mudanças ambientais, permitem a criação de empregos a custo mais baixos e, principalmente no caso dos países não desenvolvidos, a interiorização da atividade econômica (BORTOLI NETO 1980, p.6).

Analisando o empreendedorismo sobre o prisma internacional, o GEM (2007) acentua que a atividade empreendedora se dá em função das características institucionais e demográficas, à cultura empreendedora e ao grau de bem estar econômico encontradas em cada país.

Conforme Dornelas (2005), a atividade empreendedora e as empresas que surgem dela propicia o crescimento econômico, por meio da criação de emprego e prosperidade ao país. Ademais, o autor salienta que:

“são os empreendedores que estão eliminando as barreiras comerciais e culturais, encurtando distâncias, globalizando e renovando os conceitos econômicos, criando novas relações de trabalho e novos empregos, quebrando paradigmas e gerando riqueza para a sociedade (DORNELAS, 2005 p. 22)

Uma vez que surgem novas PMEs, Bortoli Neto (1980) relata que elas refletem a imagem pessoal e as características de personalidade dos proprietários. Disto, pode-se inferir que estas também devem refletir as variações culturais e das características inerentes à cada país.

2.2. Contexto das Pequenas e Médias Empresas

A definição das PMEs varia de acordo com a metodologia adotada por cada país, mais especificamente, pelo tamanho de cada mercado. Países de economia desenvolvida como os Estados Unidos identificam-nas como tendo 500 funcionários ou menos. Em países em desenvolvimento, por sua vez, onde o tamanho do mercado e os indicadores de tamanho das organizações são menores, os pontos de corte estão entre 100 trabalhadores e 250 trabalhadores. O ambiente que caracteriza tais organizações é melhor descrito de acordo com a forma de propriedade, grau de informalidade, poder de mercado e nível de sofisticação tecnológica, que não está sempre correlacionado com o tamanho da firma.

A formação de blocos econômicos tem aumentado o consenso em torno da classificação das PMEs. Na União Européia, tais empresas possuem até 250 empregados, nas Américas, adotado pelos países que integram o NAFTA e pelo Brasil, consideram-se as MPMEs aquelas com até 500 empregados. Na Ásia, Taiwan considera aquelas que possuem até 200 empregados, Coréia do Sul e Japão até 300 empregados (PUGA, 2002).

As pequenas empresas possuem pelo menos três contribuições para a economia. A primeira refere-se à criação de novos postos de trabalho e por essa razão, como ponto chave para o emprego e redução da pobreza. Em especial, os trabalhos criados pelas PMEs são mais consistentes em condições de relativa abundância de mão-de-obra e deficiência de capital, característicos de países em desenvolvimento. A segunda contribuição é que as mesmas são fonte de consideráveis atividades de inovação, o que contribui para o desenvolvimento do talento empreendedor e competitividade de exportação como base para uma futura expansão industrial. Finalmente, elas adicionam uma maior flexibilidade à estrutura industrial e promovem um grande dinamismo na economia. (WORLD BANK, 2003).

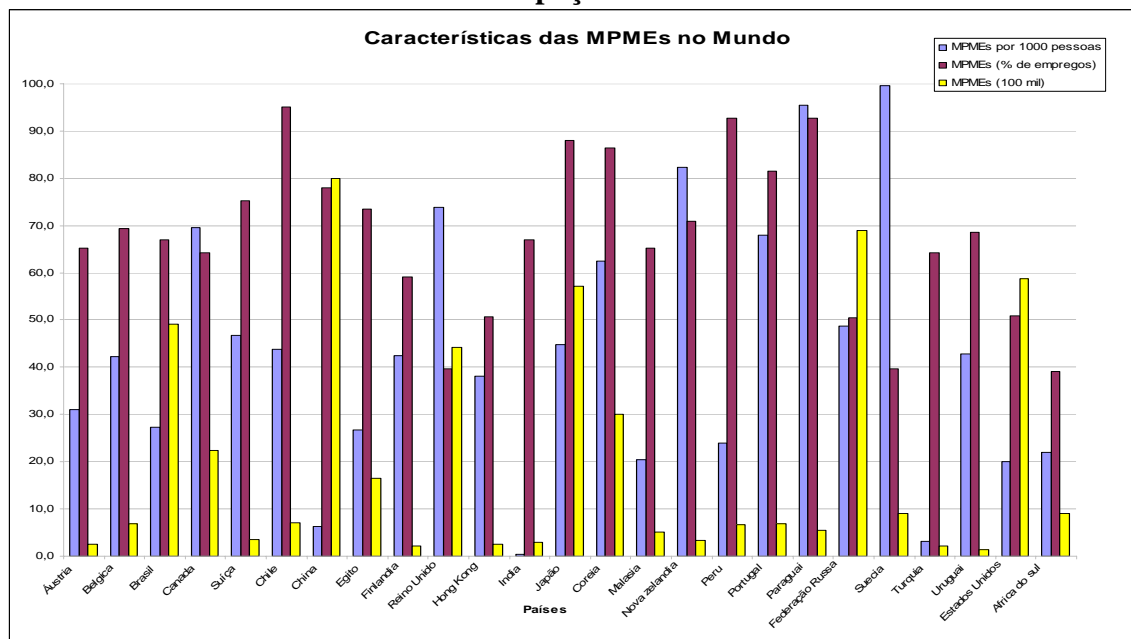
Segundo Puga (2002), ainda que as empresas costumem ser classificadas também em função da receita bruta anual, como ocorre no Brasil e na União Européia, e do capital realizado, como na Coréia do Sul, Japão e Taiwan, órgãos nacionais de apoio às MPMEs também estabelecem suas definições, como no caso da *Small Business Administration* (SBA) nos Estados Unidos, classificando as organizações utilizando critérios mais detalhados, de acordo com a atividade econômica, levando em consideração o grau de competição da indústria, além de considerar o tamanho médio das empresas e as barreiras à entrada.

2.3. Contexto Mundial das Pequenas e Médias Empresas

A partir dos anos 1980, o mundo teve uma nova visão acerca das PMEs, por ocasião do surgimento de evidências empíricas de que em diversos países, o desempenho destas empresas estava superando a das grandes firmas (PUGA, 2002). O mesmo autor afirma que este reconhecimento da importância está ligado à “mudança no paradigma tecnológico”, na qual se prioriza as inovações, sendo que Audretsch (1999) *apud* Puga (2002) aponta que as pequenas empresas e novas empresas não replicam simplesmente o comportamento das grandes organizações, mas sim, atuam como agentes de mudança.

O interesse pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas tem aumentado devido ao fato do papel desempenhado pelas mesmas na criação líquida de empregos, até mesmo em períodos de recessão, conforme apresentado na tabela 1. Ademais, diversos setores produziram maiores volumes de inovações que grandes empresas, provando dessa maneira, a capacidade de serem flexíveis e de rápida adaptação frente às mudanças tecnológicas (PUGA, 2000).

Gráfico 1: Mundo: Participação das MPMEs na economia.



Fonte: Adaptado de World Bank Database (2007)

O mesmo autor afirma que para estimular o desenvolvimento das MPMEs, governos buscaram conceder empréstimos, facilitar o acesso destas empresas ao sistema financeiro, conceder assistência técnica antes e depois do início das atividades e incentivar a cooperação entre elas.

A possibilidade das PMEs se tornarem atores do mercado internacional tem atraído as mesmas a buscarem novos mercados. É particularmente evidente esse movimento em países cujo tamanho de mercado apresenta-se no limite completo, que possuem tradição internacional de comércio, são tecnologicamente orientados para produtos, possuem razoável competição doméstica, apresentam voluntariedade e habilidade para exportar internacionalmente, e possuem baixas barreiras para transpor fronteira de países. (HOLMUND, 2007)

Verifica-se, no entanto, que as PMEs sofrem com a limitação de informações, finanças, experiência de gestão e são vulneráveis às mudanças ambientais (BUCKLEY, 1989 *apud* CHETTY e HUNT, 2003), que constrange os esforços de internacionalização das mesmas.

Segundo Ayyagari (2007), a redução de custos de entrada e proteção dos direitos de propriedade e a possibilidade de acesso por informações resultam na maior participação da parcela de empregos em Pequenas e Médias Empresas Manufatureiras.

Para Zoltan *et al.*(2007), as PMEs possuem dois desafios diante da globalização, a proteção dos direitos de propriedade e barreiras à entrada. Uma limitação de operar no exterior é a barreira à entrada, tais como: imperfeições no mercado financeiro; diferenças de sistemas legais; culturas e línguas. Estas barreiras limitam a expansão internacional, sendo esta limitação maior para as pequenas empresas quando comparadas às grandes organizações. Para tanto, o autor sugere como políticas, a eliminação das barreiras à entrada, quando possível; inovações legais para proteger os direitos de propriedade; manter um eficiente ambiente institucional para mitigar custos de transação; e abrir o mercado doméstico para multinacionais.

A participação relativa das PMEs nos países é algo verificado atualmente, porém é possível destacar que Neto (1980, p. 16) já afirmava na década de 80 que “constata-se que qualquer que seja o parâmetro adotado, a participação dessas empresas tem se situado sempre ao redor de 90% do total dos estabelecimentos existentes nos diversos países do mundo”.

3. METODOLOGIA

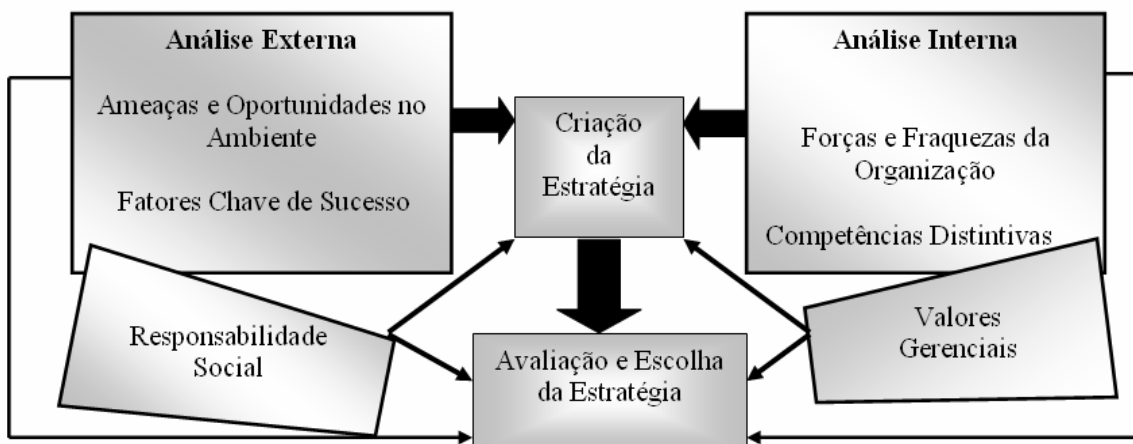
A presente pesquisa caracteriza-se por ser um estudo qualitativo, de natureza exploratória, uma vez que são orientados para a descoberta e por não possuir a intenção de testar hipóteses específicas de pesquisa (HAIR Jr. *et. al.*, 2006). Como o problema de pesquisa deste estudo está relacionado ao entendimento dos fatores influenciadores das PMEs no Brasil e na China, adotou-se o método do estudo de caso de Yin (2001) aplicado a cada país, cujo método o autor salienta que se mostra adequado para a compreensão de um fenômeno por meio de coleta de dados qualitativos ou quantitativos.

A principal motivação desta pesquisa foi entender e comparar as características do Brasil em relação à China. Para tanto, foi adotado como critério de seleção as características que mais se aproximam com as características do Brasil. Desta forma, a escolha da China baseou-se pelo fato desta fazer parte dos BRICs, o que indica que apresentam semelhanças com relação ao seu potencial de crescimento nos próximos anos (GOLDMAN SACHS, 2004)

Foram utilizados dados secundários, obtidos por meio de levantamento documental e de pesquisa bibliográfica pertinentes ao tema de estudo, que para Marconi e Lakatos (2005), se mostra útil por servir de *background* ao campo de interesse.

Quanto à análise dos dados, utilizou-se o modelo S.W.O.T., conforme apresentado na ilustração 1, que leva em consideração os pontos fortes e fracos (*Strengths* e *Weaknesses*) da organização são avaliados em face das oportunidades e ameaças (*Opportunities* e *Threats*) oferecidas pelo ambiente. Especificamente a análise se baseou na identificação dos pontos fortes e fracos das PMEs no Brasil em relação à China.

Ilustração 1 - Modelo SWOT



Fonte: Adaptado Mintzberg *et al* (1998, p.30)

4. PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS (PMEs)

4.1 PMEs no Brasil

O movimento do empreendedorismo no Brasil é relativamente recente, começando a tomar forma apenas na década de 1990, quando entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Sociedade Brasileira para exportação de Software (SOFTEX) foram criados (Dornelas, 2005:26). Apesar disso, Dornelas (2005, p.27) considera que houve substancial avanço da área em um intervalo de 15 anos, com o despertar do interesse crescente da sociedade brasileira, sendo que o país tem potencial para desenvolver um dos maiores programas de empreendedorismo do mundo, comparável até mesmo aos dos EUA.

O setor das MPMEs representa cerca de 43% da renda total dos setores industrial, comercial e de serviços, o que equivale a 30% do PIB. Além disso, são responsáveis pelo emprego de aproximadamente 60% da força de trabalho, 42% da massa salarial, e por apenas 2% do total das exportações.

As PMEs podem ocupar espaços na cadeia produtiva de grandes empresas, e podem se desenvolver e proporcionar o desenvolvimento entre elas a um só tempo. Segundo Amato Neto(2008) “as MPMEs propiciam um lastro de estabilidade econômica e servem, em muitas situações de incertezas e de refluxo das atividades econômicas, como verdadeiros colchões amortecedores dos impactos da crise, tornando mínimos os seus efeitos negativos sobre as grandes empresas.”

No Brasil existem diferentes formas de classificação. A primeira medida legal ocorreu em 1984, quando foi instituída a Lei nº 7.256(Estatuto da Micro e Pequena Empresa). Alguns Estados e Municípios possuem metodologia própria. (SEBRAE, 2008).

O SEBRAE utiliza como critério o número de pessoas e o seu faturamento, segundo a tabela 1:

Tabela 1 – Brasil: Classificação adotada pelo SEBRAE		
Porte / Setor	Indústria	Comércio e Serviços
Microempresas	Até 19	Até 9 empregados
Empresas de Pequeno Porte	De 20 a 99	De 10 a 49
Médias	De 100 a 499	De 50 a 99
Grandes	500 ou mais	100 ou mais

Fonte: SEBRAE (2008)

A classificação adotada pelo BNDES é a mesma abordada pela Carta Circular nº 64/02 de 14/10/2002, que leva em conta a receita operacional bruta anual - ou anualizada (ROB):

Tabela 2 – Brasil: Classificação adotada pelo BNDES

Porte da Empresa	Micro	Pequena	Média	Grande
Receita Operacional Bruta (em milhões de R\$)	até 1,2	acima de 1,2 até 10,5	acima de 10 até 60	acima de 60

Fonte: BNDES(2008)

Em 2004, foi editada a Lei nº 10.973, que procura incentivar a inovação e a pesquisa em empresas emergentes, servindo como auxílio a pequenos e médios empreendimentos.

4.1.1 Ameaças Macroeconômicas

Verifica-se que “os procedimentos obrigatórios relacionados a processos alfandegários, taxas, inspeções e aprovações acabam atrasando o desembaraço de mercadorias nos portos e aeroportos do País e inibem a entrada de novos competidores” (DELOITTE, 2007), ou seja, os aspectos macroeconômicos acabam por influenciar tanto grandes corporações quanto as empresas de menor porte, já que estas muitas vezes atuam em setores em que as grandes não atuam, além de servir de suporte para as atividades daquelas.

Segundo o relatório *Doing Business no Brasil*(2006), de uma amostra de 155 países, o Brasil está na 119ª posição com relação à facilidade de se realizar negócios. A China se encontra na 11ª posição. No Brasil, o prazo para se fazer cumprir um contrato varia entre 19 e 152 dias, e o prazo para se fazer cumprir um contrato varia entre 546 e 1473 dias. Na China, os números são de 49 e 241 dias, respectivamente.

4.1.3 Dificuldades em relação à Gestão do Negócio

No Brasil, as pequenas e médias empresas enfrentam muitos desafios, entre eles: queda na demanda, altos impostos e índices de incompetência, e ainda assim seus investimentos são em reformas nas instalações, compra de equipamentos de informática e qualificação dos funcionários (PEREIRA, 2008).

Amato Neto (2008) enfatiza a necessidade políticas públicas inteligentes que servissem como um “guarda-chuva organizacional” para que as MPME’s se tornassem competitivas e viáveis. Sugere que cooperativas poderiam ajudar a superar dificuldades à medida que estes organismos forneceriam sistemas comuns na área de marketing, logística, entre outros.

Dentre as diversas dificuldades que os pequenos empreendimentos enfrentam em seu início, como logística deficiente e má formação de preços, a alta carga tributária é vista como a principal causa de falência precoce de empresas. (GAZETA MERCANTIL, 2008)

Para que as MPMEs brasileiras possam competir adequadamente no mercado internacional, é necessário um amadurecimento prévio. A busca por resultados instantâneos pode prejudicar o desenvolvimento da empresa e sua conseqüente inserção no atual mercado globalizado, conforme atesta Nicola Minervini(*apud* SEBRAE, 2008).

4.1.4 Incentivos

No Brasil os incentivos ao crescimento econômico e políticas de amparo social sempre constituíram-se como bases da política de vários governos. Desde a década de cinquenta, é notam-se algumas práticas que visam incentivar tais empreendimentos, segundo descrito na tabela 3:

Tabela 3: Evolução das Políticas de incentivo a pequenos empreendimentos

Década de 50	Programas Governamentais de subsídios de crédito rural para pequenos produtores
Década de 70	Instituições Financeiras concedem créditos a juros baixos às MPMEs; Incentivos do BNDES
Década de 80	Decreto Lei 2.287/86, institucionalizando sociedades de capital de risco; Criação (1987) da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores (ANPROTEC)
Década de 90	Aumento de entidades e instrumentos de financiamento: SEBRAE; Condomínio de Capitalização de Empresas de Base Tecnológica (CONTEC); Fundos Mútuos de Investimento em Empresas (FMIEE); Programa Brasil Empreendedor (PEB)
2000 em diante	Criação do Projeto Inovar (FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos); Lançamento da fase 3 do PEB; Instrução CVM nº 355, de 2001, que versa sobre a atividade de agente autônomo

Fonte: Adaptado de MDIC (2008)

No Brasil, as PME's contam com informações, benefícios e auxílios provenientes de diversos órgãos, tais como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), a Secretaria do Comércio Exterior (SECEX), a Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, a Bolsa de Valores de São Paulo (BOVESPA) e o SEBRAE, sendo que este está voltado especificamente às micro e pequenas empresas.

Um deles é o Programa de Apoio à Inserção Internacional de Pequenas e Médias Empresas (PAIIPME), vinculado à ABDI. O objetivo do programa é fazer com que empresas de menor porte venham a ter participação no mercado internacional, e não apenas as grandes, como ocorre atualmente. Isto ocorrerá por meio de acordos entre as PME's brasileiras e as européias e a conseqüente troca de experiências (INFOMONEY, 2008).

O BNDES objetiva aumentar o apoio às PME's com participação societária direta e por meio de fundos de investimento, como o *private equity* e o *venture capital* (SEBRAE, 2008). Do mesmo modo, a Bovespa está lançando o programa Bovespa Mais, onde as PME's poderão obter recursos através da emissão primária de ações. (AMÉRICA ECONOMIA, 2008).

4.2 PMEs na China

As PMEs chinesas ocupam um importante papel no processo de desenvolvimento regional econômico e social deste país (CHENG e ZHANG 2006) sendo que, conforme Cunningham e Rowley (2005), a quantidade delas situa-se acima de 8 milhões, perfazendo 99% do total das empresas, correspondendo a 60% do produto industrial, 40% da receita de impostos, 60% do total exportado e que emprega 75% dos trabalhadores urbanos.

Hall (2007) afirma que a China é uma potência - ou dragão - que é sustentado por diversos pequenos dragões, as PMEs, sendo muitas delas internacionalizadas. O autor aponta ainda que as razões que credenciam a China como potência mundial está relacionado com o seu volume de exportação, superado apenas pela Alemanha. Com o crescimento vigoroso que o país vem experimentando, tende a ser o primeiro neste quesito. Relata ainda que cerca de 68% destas exportações provêm das PMEs, enquanto que nos EUA representa cerca de 30%,

além de representar a maior parte do crescimento econômico. Além disso, devido ao grande crescimento da quantidade de PMEs, credencia a China como sendo o país que mais possui este tipo de empresa no mundo.

Além disso, Hall (2007) destaca outros fatores que demonstra o peso destas empresas, tais como: (1) Oportunidades aproveitadas no bojo das privatizações; (2) Reformas financeiras que facilitam o acesso a fontes de financiamento; (3) capital intelectual educado – fato maximizado pelo fato da diáspora de chineses pelo mundo; (4) farta mão de obra barata; (5) acesso a novas tecnologias.

Com a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, houve uma maior pressão internacional para o estabelecimento de uma regulação mais consistente e que se voltasse em favor do livre comércio, por meio da redução dos incentivos do governo local às empresas e pela criação de uma legislação trabalhista. Para Geib (2005), a influência da OMC repousa na regulação da lei e dos procedimentos administrativos, visando o emprego de maior transparência:

Quanto à legislação do comércio exterior da China, faz-se menção às PMEs em apenas um artigo:

“O Estado apoiará e facilitará o comércio exterior das PME’s de pequena ou média escala” (Artigo 58, Capítulo 10 - lei de comércio exterior da República Popular da China).

No que se refere à classificação das PMEs na China, Hall (2007) levanta duas questões que a torna complexa: (1) a do problema da metodologia utilizada para a definição da classificação de PMEs, e (2) referente à definição da natureza da empresa. Neste caso, há dificuldades de diferenciação entre ser estatal ou privada, sendo que é uma consequência da abertura pronunciada e repentina da economia do país, considerando que não haviam empresas privadas até os anos 80..

Da mesma maneira, Li e Shi (2006) afirmam a complexidade da classificação das PMEs, e constataam que o critério de classificação da China tem sido alterado constantemente. A classificação oficial atual é a proposta pela Lei de Promoção das PMEs, classificadas conforme os setores de atuação, contidos na Tabela 4:

Tabela 4: Classificação das PMEs

Setor ¹	Número de empregados	Movimentação de capital	Total de ativos
Industrial	300-2,000	37-371 milhares de dólares	49.5-495 milhares de dólares
Construção	600-3,000	30-300 milhares de dólares	49.5-495 milhares de dólares
Comércio de atacado e varejo	100-200	37-371 milhares de dólares	
	100-500	12-186 milhares de dólares	

Fonte: Li e Shi (2006)

Quanto ao desenvolvimento das PMEs chinesas, no período considerado a partir de 2002, teve como principal fato a promulgação da lei de promoção das PMEs, que envolve políticas de incentivo, remoção de barreiras institucionais para PMEs privadas e abrir novos campos de desenvolvimento, promover inovações científicas e tecnológicas, organizar a estrutura industrial e garantir a qualidade e competitividades destas empresas (Chen, 2006).

4.2.1 Ameaças macroeconômicas às PMEs chinesas

Com relação às principais preocupações dos tomadores de decisão das PMEs chinesas destacam a inflação e o superaquecimento da economia, apontado por 33% e 17% dos

¹ A título de esclarecimento, para que uma empresa seja classificada como média empresa, ela precisa se enquadrar nos três parâmetros da tabela, caso contrário ela é considerada pequena empresa.

respondentes, respectivamente, além da desaceleração global e a degradação do ambiente, ambos apontado por 11% dos respondentes (UPS, 2008)

O câmbio é um fator intimamente ligado à inflação e ao superaquecimento, e a sua valorização frente ao dólar é para Qi (2008), uma preocupação constante das PMEs e das demais empresas exportadoras. Diante deste cenário, o autor relata que muitas PMEs exportadoras voltam-se para o mercado chinês, tentando escapar da contingência e, assim, evitar a corrosão dos seus lucros. Desta forma, pode-se constatar uma redução do ímpeto das PMEs chinesas em se lançar ao mercado externo.

4.2.2 Dificuldades em relação à Gestão do Negócio

Conforme o relatório da UPS(2008), os líderes das PMEs chinesas destacam que, para realizar a gestão adequada, deve-se atentar para retenção e qualidade dos empregados, qualidade dos produtos e serviços, além da estabilidade econômica e política.

As dificuldades em conduzir o negócio, estão relacionadas a dois fatores: financiamento do negócio e eficiência da cadeia de suprimentos.

A burocracia no processo de solicitação do financiamento é um dos problemas apontados, magnificado pela falta de instituições dispostas a financiar PMEs. Ademais, fatores como a falta de contato pessoal com instituições financiadoras e a rejeição da proposta do projeto apresentado também é verificado como dificultadores.

No que tange à competitividade das PMEs, os tomadores de decisão da PMEs chinesas, afirmaram que estão enredadas em obstáculos, a saber: arcabouço legal; baixa qualidade da força de trabalho; e inovação. Por outro lado, os fatores que contribuem são: os custos de mão-de-obra e a infra-estrutura de transportes.(UPS,2008).

4.2.3 Incentivos

Os incentivos governamentais dados às PMEs chinesas, segundo o diário China Daily (2006), são: políticas preferenciais de financiamento às PMEs junto a bancos estatais e privados, beneficiando também as estas instituições; apoio de grandes instituições financeiras e do governo para facilitar o processo de concessão de empréstimos; auxílio à capacitação de gestores e proprietários das PMEs; e fomento à inovação tecnológica.

Conforme Wei (2006) a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma de PMEs, criou o departamento chinês de PMEs para: promover políticas de pesquisa e medidas benéficas de desenvolvimento; para viabilização de *joint ventures* com companhias estrangeiras; para construção de um sistema de serviço para às PMEs; e para promoção da cooperação entre as PMEs. Além disso, a figura do Fundo de Inovação para PMEs de base tecnológica foi criada para apoiar, ajudar a desenvolver e facilitar a comercialização de tecnologias pelas PMEs.

São citadas pelo autor, também, a parceria das PMEs com instituições acadêmicas e empresas, suporte técnico e de gestão, ampliação das fontes de financiamento, colaboração em rede e atuação em clusters, estabelecimento de uma estrutura legal que envolva propriedade intelectual, políticas de competição justas, redução da burocracia e do custo para abertura de empresas são fatores que incentivam a inovação pelas PMEs.

Quanto à política fiscal, Yaobin (2007) afirma que se trata de um instrumento popular para promover o desenvolvimento das PMEs, sendo que o governo adotou medidas para construção de ambiente fiscal justo e padronizado, com unificação do sistema fiscal; políticas fiscais de incentivo à inovação tecnológica, como dedução extra para pesquisa e desenvolvimento; políticas fiscais de incentivo ao financiamento, incluindo taxas especiais para empréstimos às PMEs; políticas fiscais para incentivo do capital humano, como dedução no imposto de renda às pessoas que se dediquem à alta tecnologia.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

Tabela 5- Análise das Pontos Fortes e Fracos das PMEs do Brasil em relação a China

Crítérios	Pontos Fortes	Pontos Fracos	Pontos comuns
Aspectos macroeconômicos	<ul style="list-style-type: none"> • O expressivo crescimento do mercado de capitais no Brasil em 2004, pode se revelar uma importante fonte de recursos para o crescimento das PME's; 	<ul style="list-style-type: none"> • Ínfima participação na pauta de exportações(2%), enquanto que na China esta cifra está em torno de 78% 	<ul style="list-style-type: none"> • Grande participação na geração de emprego, com participação superiores a 60%; • Participação expressiva na geração de renda da economia;
Classificação	<ul style="list-style-type: none"> • No Brasil, há dificuldades apenas na determinação do tamanho da empresa. No caso da China, além disso, ocorre a dificuldade também no que concerne à identificação da natureza da empresa (se é estatal, privada ou regime misto) 		<ul style="list-style-type: none"> • Diferentes pesos em medidas de no que tange à classificação: • Varia de acordo com cada organização considerada. • Inúmeras classificações acabam por dificultar o estudo destas organizações.
Dificuldades em relação à Gestão do Negócio	<ul style="list-style-type: none"> • O ambiente pouco propício aos negócios no Brasil pode servir de aprendizagem para as PME's ao atuarem em outros mercados; 	<ul style="list-style-type: none"> • Custo de mão-de-obra elevado, notadamente, devido aos encargos trabalhistas. • Dificuldade com a abertura e fechamento de negócios • Infra-estrutura de logística débil, o que dificulta e incrementa os custos de • Escoamento da produção e comercialização dos produtos • Pouco interesse de investidores externos, por exemplo, mediante <i>venture capital</i> ou fundos de <i>private equity</i>; 	<ul style="list-style-type: none"> • Mão-de-obra pouco qualificada, o que dificulta o desenvolvimento de produtos e serviços de maior valor agregado; • Falta de capacitação técnica dos gestores, o que compromete a perenidade e reduz a lucratividade dos negócios • Burocracia elevada por parte do governo,

<p>Incentivos governamentais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Órgão de fomentos mais consolidados, estruturados e de maior capilarização(e.g SEBRAE); 	<ul style="list-style-type: none"> • Ainda são considerados insuficientes para atender à demanda das PME's; • Não há políticas consolidadas por parte do governo no sentido de fomentar a internacionalização das PMEs; 	<ul style="list-style-type: none"> • Lei de Promoção à inovação, criação de políticas de desburocratização e • Estabelecimento de leis de incentivo fiscal; • Desenvolvimento de linhas de financiamento mais adequadas; • Parcerias com instituições acadêmicas • Criação de áreas geográficas voltadas ao desenvolvimento de atividades específicas, onde as PMEs que ali se instalam, beneficiam-se de incentivos técnicos e fiscais;
<p>Ambiente Legal</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Proteção Mais explícita à propriedade intelectual, ainda que seja incipiente; • Na visão de organismos internacionais (e.g OIT), apresenta condições de competição mais responsáveis e justas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Legislação trabalhista e fiscal complexas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Burocracia excessiva, o que aumenta os custos e torna mais letárgico as operações da empresa; • A quantidade de órgãos a que as empresas devem se reportar torna o ambiente econômico menos propício à realização de negócios;

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ambiente legal e econômico a que estão sujeitas as empresas brasileiras dificultam a prática do comércio e a realização de negócios, porém acabam por preparar as empresas a enfrentarem ambientes semelhantes ao investirem em outros mercados. Além disso, o ambiente econômico e legal no Brasil acaba por ser mostrar como um dificultador para que outras empresas possam vir a atuar no país.

Mesmo assim, o país tem uma necessidade urgente de políticas mais concretas e estáveis, principalmente pela sua abertura e aumento do comércio internacional. Ainda há algumas necessidades, como clarificar a definição de PMEs e formular políticas claras e efetivas para as PMEs. É preciso também criar políticas uniformes para o país.

A China vem apresentando um elevado crescimento econômico, em grande patê devido à força das PME's. Para que o Brasil possa competir com as PME's chinesas, é necessário políticas que facilitem a internacionalização destas empresa e instrumentos de fomento, para que possam investir recursos em equipamentos e se desenvolver. Entretanto, deve-se levar em consideração que a implementação de políticas, benéficas ou não, não darão resultados em curto prazo. O fortalecimento do mercado de capitais e emissão de ações de pequenas e médias empresas, levantando recursos para essas empresas, podem suprir em parte a grande necessidade por recursos que as PME's demandam.

Além disso, Brasil e China possuem dificuldades logísticas, que acabam por dificultar a realização de negócios e, de uma forma ou outra, aumentando custos e preços.

No Brasil, há grande quantidade de definições e critérios para classificarem as empresas, sendo que até mesmo alguns municípios possuem classificação própria, acaba por dificultar o estudo destas empresas e a proposição de soluções e criação de mecanismos que possam auxiliá-las a gerenciarem seus negócios.

REFERÊNCIAS

AMATO NETO, J. **Grandes oportunidades para as micro, pequenas e médias empresas.** Disponível em <http://www.pro.poli.usp.br/sala_de_imprensa/clipping/grandes-oportunidades-para-as-micro-pequenas-e-medias-empresas>. 2008

AYYAAGARI, M.; BECK, T. KUNT, A.D. **Small and Medium Enterprises Across the Globe. Small Business Economics.** 2007. p. 451-434.

Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES. **Porte das Empresas.** Disponível em <http://www.bndes.gov.br/clientes/porte/porte.asp>. Acesso 17/06/2008. 2008

BECKSTEIN, A. **BNDES pretende aumentar participação em pequenas e médias empresas.**

Disponível em <<http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2008/04/30/materia.2008-04->30.4534535563/view>>. Acesso em 01/07/2008

BORTOLI NETO, A. **Tipologia de Problemas das Pequenas e Médias Empresas.** Dissertação. 1980.

CHEN, Jia. **Development of chinese small and medium-sized enterprises.** Journal of Small Business and Enterprise Development Vol. 13 No. 2, 2006. pp. 140-147.

CHENG, H. Y. ZHANG, D.M. **Competitive Capability Evaluation for Middle and Small Enterprises in regional Industries.** The Bussiness Review, Cambridge; Summer 2006; 5,2 Pág. 104).

CHETTY, S.; HUNT, C.C. **Explosive International Growth and Problems of Success among Small to Medium-sized Firms.** International Small Business Journal. Vol 21 (1) 2003

CHI, J. LI, P. **An Initial Review of Policies for SMEs in the US, Japan and China**. 2006 IEEE International Conference on Management of Innovation and Technology. Acesso em 23/06/2008. Disponível em <<http://ieeexplore.ieee.org/iel5/4035773/4035774/04035838.pdf?isnumber=4035774&prod=CNF&arnumber=4035838&arSt=270&ared=274&arAuthor=Jianxin+Shi;+Ping+Li>> .

CHINA DAILY. **SMEs expected to play more important role**. Disponível em http://english.ccpit.org/Contents/Channel_413/2006/0919/12281/content_12281.htm Acesso em 27/05/2008. Beijing: 2006.

CUNNINGHAM, L X. ROWLEY, C. **Human resource management in Chinese small and medium enterprises**. Personnel Review Vol. 36 No. 3, 2007 .pp. 415-439.

Deloitte. **As Pequenas e Médias Empresas que mais crescem no Brasil, 2007**.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo - Transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

FILION, L.J. **O Empreendedorismo como Tema de Estudos Superiores** (palestra). Disponível em: <http://inf.unisul.br/~ingo/emoreendedorismo.pdf> Acesso em 03/07/2008

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR - GEM . **Empreendedorismo no Brasil**. Disponível em <http://gembrasil.org.br/home/?pag=detalheDestaque&id=4&PHPSESSID=e12163cc05149337b9b24e8d013556b5>> 2007.

GAZETA MERCANTIL. **O Valor do varejo**. Disponível em <http://www.gazetamercantil.com.br/mensagemMarketing.aspx?cd_noticia=1850863&Param2=581,0,%20,1850863,YTRE> Acesso em 27/02/2008. 2008

Goldman Sachs, **The BRICs and Global Markets: Crude, Cars and Capital**. Global Economics Paper, No. 118, 2004

HAIR Jr, J. F.; BABIN, B.; MONEY, A.H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Bookman, 2006.

HALL, Chris. **When the Dragon Awakes: Internalisation of SMEs in China and Implications for Europe**. CESifo Forum. München: Summer 2007. Vol. 8, Iss. 2; p. 29 (6 pages)

HOLMLUND, M.; SÖREN, K.; VANYUSHYN, V. **Small and Mediu-sized Enterprises' Internationalization and the Influence of Importing on Exporting**. International Business Journal. Vol. 25 (5): 459-475. 2007

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2005.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC. 2002. **A Microempresa e Empresa de Pequeno Porte**. Disponível em <<http://www2.desenvolvimento.gov.br/sitio/sdp/proAcao/micEmpPequeno/micEmpPequeno.php>>. Acesso em 01/06/2008.

MINTZBERG, H., AHLSTRAND, B., LAMPEL, J. **Strategy Safari**. Harlow: Pearson Education, 1998.

PEREIRA, D. Y. **Quem apaga os incêndios na pequena e média empresa**. 2006. Disponível em <http://www.administradores.com.br/noticias/quem_apaga_os_incendios_na_pequena_e_media_empresa/7415/> .Acesso em 27/06/2008.

PORTUGAL NETO, R. F. **A Inclusão da Micro, Pequena e Média Empresa no Mercado brasileiro de Valores Mobiliários**. Monografia. Disponível em www.cvm.gov.br/port/public/publ/ie_ufrj_cvm/Raul_Fernando_Portugal_Neto.pdf. Acesso em 15/06/2008.

PUGA, F.P. **Experiências de Apoio às Micro, Pequenas e Médias Empresas nos Estados Unidos, na Itália e em Taiwan**. Textos para Discussão n. 75. BNDES. Rio de Janeiro,

fevereiro, 2000.

_____. **O Apoio Financeiro às Micro, Pequenas e Médias Empresas na Espanha, no Japão e no México.** Textos para Discussão n. 96. BNDES. Rio de Janeiro, agosto, 2002.

QI, Wu. **More Chinese firms shift from exports to home market** Agência de notícias Xinhuanet: 28/02/2008. Disponível em http://news.xinhuanet.com/english/2008-02/28/content_7686805.htm . Acesso em 02/06/2008.

SATO, K. **Programa facilita internacionalização de pequenas e médias empresas.** <<http://web.infomoney.com.br/templates/news/view.asp?codigo=1125852&path=/seunegocio> /> . Acesso em 23/06/2008. 2008

Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa - SEBRAE. **Criação e evolução do critério de classificação de empresas.** Disponível em <http://www.sebrae.com.br/momento/o-que-o-sebrae-pode-fazer-por-mim/gestao/classificacao-de-empresas/bia-t98/BIA_98/integra_bia>. Acesso em 01/07/2008.

_____. **Competitividade abre portas para exportação.** Disponível em <<http://www.remade.com.br/pt/noticia.php?num=4518>> Acesso em 18/06/2008. 2008.

SHI, J.; LI, P. An Initial Review of Policies for SMEs in the US, Japan and China. In: **IEEE International Conference on Management of Innovation and Technology 2006**

UPS. **Asian Business Monitor - Executive Summary.** Disponível em <[http://businessmonitor.ups.com/us_en/asia.html?srch_pos=1&srch_phr="+Asia+Business+M](http://businessmonitor.ups.com/us_en/asia.html?srch_pos=1&srch_phr=)onitor+ . Acesso em 14/06/2008

SPAGNUOLO, S. ; MONTEIRO, S. **Entre Gigantes.** In: AméricaEconomia, n. 358, editora Nambei, 05 de Maio de 2008

WEI, Zhang. **SME innovation policy system in China.** Regional Consultative Meeting on Sub-national Innovation Systems and Technology Capacity Building Policies to Enhance Competitiveness of SMEs. Seul: Nações Unidas, 2006. Disponível em http://ww.unescap.org/tid/mtg/sis_chi.pdf . Acesso em 15/05/2008.

WORLD BANK. **Doing Business no Brasil.** Disponível em <www.doingbusiness.org/documents/doing_business_in_brazil_portuguese.pdf > Acesso em 21/06/2008. 2006

_____. **Is Small Beautiful and Worth of Subsidy?** Literature Review. 2003. Disponível em: <http://rru.worldbank.org/Documents/PapersLinks/TylersPaperonSMEs.pdf> Acesso em 16/06/2008

WORLD BANK DATABASE. Disponível em: http://rru.worldbank.org/Documents/other/MSMEDatabase/msme_database.htm. Acesso em: 16/06/2008. 2007

YAOBIN, Shi. **Tax, Small Business, Growth: effect of taxation on investment and cross-border trade.** ITD Global Conference on taxation of SMEs. Outubro 17-19, 2007.

YIN, R.K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos.** São Paulo: Bookman, 2001.

ZOLTAN J.; MORCK, R.; SHAVER, J. M.; YEUNG, B. **The Internationalization of Small and Medium-Sized Enterprises: A Policy Perspective.** Small Business Economics 9: 7-20, 1997.